

**QREN - Aldeias de Memória**

## **História de Vida**

de

**António Cónego Lopes**

registada em 2008-09-18  
por

Jenny Campos e Carla Aguiar



## António Cónego Lopes

António Cónego Lopes nasceu em Casas Figueiras, na freguesia de Vide, a 2 de Abril de 1937. O pai chamava-se João Lopes. Tinha a mesma arte que ensinou a António: fazer carvão. A mãe chamava-se Maria Rita. “Fazia a vida de casa e trabalhava no campo.” Só tem um irmão, mais novo. Foi à escola, na Coucedeira, mas só fez a segunda classe, nem chegou “a passar o livro todo da segunda classe”. Teve de sair para trabalhar. O seu primeiro trabalho foi a ajudar o meu pai no carvão, com 15 anos, “quase de sol a sol”. Depois foi para o Ribatejo, nas invernadas, a cavar vinhas durante nove meses. Com quase 22 anos começou a namorar a esposa. O casamento foi no dia 5 de Maio. Depois disso António mudou-se para o Torno. Tem quatro filhos, que criou “com muita dificuldade”. Depois de casado trabalhou na estrada. Esteve seis meses em Lisboa, a trabalhar com ferros na Fábrica dos Parafusos. Depois foi para a resina, onde andou 17 anos.

# Índice

Identificação António Cónego Lopes.....	4
Ascendência João Lopes e Maria Rita.....	4
Educação "Andei na escola".....	4
Religião A doutrina.....	5
Casa Casa de pedra.....	5
Casamento O casamento.....	5
Descendência "Criei-os com muita dificuldade".....	5
Costumes Tradições.....	5
Percurso profissional O percurso até ao ofício.....	7
Ofício Resineiro.....	8
Lugar O Torno.....	9
Quotidiano "Entretenho-me por aí".....	11
Avaliação "Aprender as tradições".....	11

## **Identificação *António Cónego Lopes***

O meu nome é António Cónego Lopes. Nasci em Casas Figueiras, que fica na freguesia de Vide. A 2 de Abril de 1937. Tenho 71 anos.

## **Ascendência *João Lopes e Maria Rita***

O meu pai chamava-se João Lopes. Tinha a mesma arte que me ensinou: fazer carvão. Era uma vida pesada! E depois ainda tínhamos que o ir levar à Vide às costas. Em sacas grandes.

Só tenho um irmão. Está lá em Casas Figueiras. É mais novo. Sempre nos demos bem. Brincávamos quando calhava. Brincávamos a muita coisa, às vezes, a jogar ao finto. Punha a gente uma lasca, uma pedra ao alto adiante, e depois de longe jogávamos com outra pedra a ver qual era o que a deitava abaixo.

A minha mãe chamava-se Maria Rita. Era boa mulher. Fazia a vida de casa e trabalhava no campo. Lembro-me do nome da minha avó, da banda da minha mãe, era Ana Maria.

## **Educação "*Andei na escola*"**

Quando era criança usava uns tamanquitos de madeira. De Verão e de Inverno.

Andei na escola. Era na Coucedeira. A pé era aí uns três quartos de hora. Andei lá pouco tempo. Só fiz a segunda classe. Nem cheguei a passar o livro todo da segunda classe, tive que sair porque fui trabalhar. Lembro-me do professor. Era António Santos. Ele dava reguadas! Era mesmo malandro. Para ele tudo era mal. Vinha lá com a palmatória.

- "Oupa! Estende lá a mão!"

E outras vezes era com uma vara. Porque ele tinha lá muitas roseiras dessas que botavam a haste grande. E depois, quando era no tempo, ele cortava lá as roseiras e punha-as a secar, em cima de uma latada que lá tinha, numa parreira de videira. Ele, por vezes, nem se levantava da cadeira. Agarrava na vara, oupa! Era onde apanhava. Mas nós, às vezes, também éramos malandros. Quando ele saía, que ele trazia lá sempre pessoal a tratar da fazenda que tinha, a gente largávamos, íamos às varas, estalávamos tudo. E ele, por vezes, agarrava nas varas para nos dar, caíam-lhe era em cima dele partidas.

- "Quem foi o malandro? Quem foi?"  
E nós, nada.

## **Religião *A doutrina***

Andei na doutrina na Vide. Era ao domingo. Fazíamos a comunhão. Era um dia de alegria. Íamos à missa, íamos comungar e depois em casa era uma festa. Comia-se do que havia. Não era uma coisa assim diferenciado.

## **Casa *Casa de pedra***

A casa dos meus pais era uma casa de pedra. Os animais não ficavam por baixo, tinham outros currais. Tínhamos cabras e ovelhas. A parte de baixo era para a gente arrumar o vinho e essas coisas assim. Dormíamos na parte de cima.

## **Casamento *O casamento***

Tinha quase 22 anos quando comecei a namorar a minha esposa. Ela foi lá à minha terra chamar-me para eu vir ajudar a cavar na fazenda ou o que foi. Eu tinha feito 22 anos o dia 2 de Abril e casáramos o dia 5 de Maio. E foi por ter casado que vim aqui para o Torno. Era mais ou menos igual à Vide.

## **Descendência "*Criei-os com muita dificuldade*"**

A primeira filha que tive nasceu morta. E depois nasceu o meu filho, o António, a 9 de Fevereiro. Depois são mais dois filhos e uma filha. Criei-os com muita dificuldade. Mas teve de ser. Não foi a primeira vez que deixei de comer para lhes dar. Um está a trabalhar no Alentejo, mas ele vem cá todas as semanas. É o marido da que está nos Chãs d'Égua. E outro está no Algarve, que é Carlos. Tenho um que está no Torno e a minha filha está lá em baixo na Coucedeira. Por o Natal e, às vezes, por a Páscoa estou com os meus filhos todos aqui em casa.

## **Costumes *Tradições***

Cultivava-se o feijão, a batata e o milho. Para gastos de casa. Alguns terrenos que cultivávamos eram perto, outros eram longe. Eram da minha mãe e do meu pai. Enquanto se arranjavam uns, tinham de esperar os outros.

Íamos todos pastar os animais. Umhas vezes, ia a minha mãe, outras vezes, íamos nós. Quando nós andávamos no carvão, ia a minha mãe deitá-los.

### **"A faca tem que ser no coração"**

Na matança do porco, o porco é deitado em cima de um banco, mas é um banco em madeira. E depois três ou quatro seguram-no em cima do banco e o sangrador mete-lhe a faca e é sangue. A faca tem que ser no coração. Mas se não acertar morre à mesma.

As mulheres também ajudavam no dia da matança. A mulher era para "destrumar" as tripas, que era para depois tornar a encher daqueles miúdos, que saem do porco, para fazer o fumeiro. Depois aquelas carnes são migadas, postas em vinha-d'alhos, dois ou três dias, depois é que são cheias. E põem-se a secar ao fumo. Desde que se mata o porco até que se come o chouriço demora aí uns 15 dias, mais ou menos. Aquilo é seco devagar.

### **Uma sardinha para dois**

Também tínhamos as galinhas. Os ovos eram para a gente comer. E, às vezes, trocávamos por sardinha. Vinha lá o sardineiro vender sardinha e depois trocavam os ovos por sardinha, que o dinheiro era pouco. Às vezes, havia uma sardinha para cada um, quando não, era partida por dois. Era tempo. Não havia estrada mas o sardineiro vinha todas as semanas, mais ou menos.

### **Vinho e aguardente**

Cheguei a fazer vinho. Lá naquelas adegas, por conta dos patrões. Para fazer o vinho, as uvas vão para a adega, para um tanque, passam pelo esmagador, para outro tanque. Depois no tanque o vinho ferve ali até se tirar. Engarrafado é só depois passado um certo tempo. Só aí em Março ou coisa assim pode ser engarrafado. O vinho doce é quando o vinho começa de ferver. Esse não embebeda. Eu também faço aguardente mas este ano fiz pouca. Se tirarem menos, fica mais forte, se tirarem mais, fica mais fraca.

### **Gastronomia**

A comida de cá é a chanfana. É feita da carne dessas cabras assim de mais idade. Isso é que é a chanfana. Depois há a batata com bacalhau, frango... Os

coscoréis são feitos com farinha de trigo amassada com leite e ovos. Depois, são fritos numa frigideira ou num tacho grande com azeite ou óleo. Quentinhos são bons. E frios, também não são maus.

## **Percurso profissional *O percurso até ao ofício***

### **"No duro"**

O primeiro trabalho que tive foi a ajudar o meu pai no carvão. Tinha aí uns 15 anos. Para fazer o carvão arrancam-se as torgas, abre-se uma cova grande, acende-se o lume, depois juntam-se as torgas para lá para a cova. Mas não se podem deixar queimar assim muito, porque senão fica o carvão estragado. Conforme vão ardendo assim se vai tapando a cova com terra. Depois ao outro dia é que se tira o carvão. Trabalhávamos quase de sol a sol. No duro. E, às vezes, até mais tarde. Só parávamos para comer. Levávamos batatas, às vezes com hortaliça, outras vezes também ia um bocadito de carne, porque matavam um porcozito.

### **"Uma fortuna"**

Depois também fui para o Ribatejo, para o pé de Alenquer, cavar terra para os pés. Cavar vinhas. Era o que apareceu. Fui trabalhar então para outras pessoas. Havia cá um encarregado que contratava a gente e é que nos levou. Posso dizer que já me pagavam. Era uma fortuna! Por dinheiro antigo eram dois contos de réis, nove meses. Dormíamos lá numa casa do patrão. Era as invernadas. Andávamos lá nove meses. Andava lá gente da minha terra, que eu encontrei. E o comer nessa altura era papas de farinha. Água fervida e farinha. Às vezes, havia um bocadinho de carne, outras vezes, não havia.

Depois de casar andei a trabalhar numa estrada que passa aqui no Torno. Aquela estrada é do Estado. É estrada florestal.

### **"Não me dava bem"**

Estive também seis meses em Lisboa. Trabalhei com ferros na fábrica dos parafusos. Mas não me dava lá bem. A fábrica chamava-se Fábrica dos Parafusos. Era em Alcântara, na Rua das Fontainhas. Mas eu nunca gostei de

Lisboa. Não sei porquê. Era muita gente. Sempre gostei mais de cá do que lá de Lisboa. No Ribatejo, já me dava melhor.

## Ofício *Resineiro*

Depois fui para a resina. Andei lá 17 anos.



### **Cédula de Registo de Profissionais de Resinagem de António Cónego Lopes (9 de Maio 1969)**

A resina, a gente primeiro "desencarrascava". É tirar aquela casca de fora do pinheiro. Mas não toda! Era só tirar a pelezinha do entre casca. E depois metia a gente as latitas. Dizia a gente que eram as bicas. E depois renovava com um ferrozito, iam os púcaros estando cheios e colhíamos para uma lata. Demora 15 dias para o púcaro ficar cheio. A resina usava-se para muita coisa. Para alcatrões e para outras coisas que eles utilizavam. Ia vender resina para Arganil. Agora a fábrica até já fechou. Vinham-na eles aqui carregar. Ia em bidões. Primeiro eram barricas de madeira. Depois já eram bidões de folha. Cada bidão levava 200 quilos. Era preciso mais ou menos 200 pinheiros para encher um bidão. No Verão era quando dava mais resina porque era o tempo mais quente. A resina não gosta de frio. De Inverno, não corre a resina.



### **Verso Cédula de Registo de Profissionais de Resinagem de António Cónego Lopes (9 de Maio 1969)**

Os pinhais, uns eram nossos, outros eram de vários. Pagávamos 30 escudos ao proprietário por pinheiro.

Tenho cédula de resineiro. Foi a própria fábrica, a Socer, que a fez. Só metia as fotografias e depois veio o cartão. Era de Santa Comba. Gostei de ser resineiro.

### **Lugar *O Torno***

Não sei porque o Torno se chama Torno. Talvez houvesse para aí alguma fábrica que tivesse algum torno de tornear madeira. Mas eu antes de vir para cá já conhecia o Torno. Então a minha avó da banda da minha mãe, era da Foz d'Égua. Eu moro aqui há muito tempo.

### **"A água aqui é limpa"**

Vide tem rio, o rio do Piódão passa lá. Antigamente íamos tomar banho lá para aqueles poços. Se as mulheres quisessem lavar a roupa lavavam-na noutro sítio.

Para regar eram represas. Chama a gente poços. Cada um tinha o seu tempo. Hoje rego eu, amanhã regas tu, depois de amanhã rega o outro, depois de amanhã rega outro, até chegar outra vez a vez do primeiro. Antigamente o ribeiro tinha mais água. Agora é muito menos. Mas a água aqui é limpa.

Para beber temos a água da fonte que vem de nascente, mesmo directa. Mas quando a gente lá anda na fazenda, quando há gente assim perto do ribeiro, também bebemos lá que pode-se beber à vontade porque a água é limpa.

## **Das prendas ao foliar**

O Natal era um dia quase como os outros. Com uma pequena diferença: sempre havia aquela ceiazita.

Comíamos a couve com batatas e bacalhau. Doces é que nunca fui amigo de doces. Prendas quando foi ao princípio, não havia. Quando estava solteiro nem recebia prendas nenhuma. Ao fim de casado, acho que uma vez a minha mulher me comprou umas cuecas.

Na Páscoa, no Domingo de Páscoa, vinha o padre. Primeiro, era a missa no Piódão, depois ao fim da missa é que vinha dar, diziam que era as boas-festas. Beijava-se a Cruz e dava a gente o foliar. O foliar era o que calhava. Às vezes era um cesto de ovos, outras vezes era outra coisa qualquer. Era para o padre. Também se dava o foliar aos afilhados na Páscoa. O meu padrinho era António Antunes. Deu-me vários folares. Nessa altura era as broas. A broa de milho. Esse se a gente lá ia durante o dia muito bem, se não ia, quando era assim rente à noite ia a casa do meu pai chamar-me para lá ir buscar o foliar. Tinha que lhe pedir a bênção e depois é que me dava duas broas. Era uma do padrinho e outra da madrinha. A madrinha era Gracinda.

Eu tenho, uma afilhada. É a Maria. Está em Arganil. Dava-lhe o que calhava. Até lhe comprei uns brincos. Uns brincos não, umas argolas. Quando calha ainda lá vou a Arganil e vou lá à casa dela.

## **"Não havia médico"**

Antigamente não havia médico. Quando alguém estava doente tínhamos que o chamar de Côja, outras vezes à Vide. Pagava-se para ele vir cá. Tinha de ser. Não trabalhavam de graça. Tinha que se ir a pé também à Vide e a Côja para ir buscar os remédios. Nos partos, eram as mulheres que ajudavam. Mas uma vez, quando foi da minha filha que está na Coucedeira, não havia médicos disponíveis nessa altura. Um barbeiro que estava no Piódão, que sabia quase tanto como um médico, é que cá veio ver. É o que importa. Não era médico mas ajudou. Ele sabia tanto como um médico. Porque uma vez tinha ido lá para uma doente do Piódão, chamaram o médico de Avô e quando o médico lá chegou, ele procurou a esse barbeiro, era o Francisco Barbeiro, e ele disse logo para o médico o que é que ela tinha.

## **Quotidiano "*Entretenho-me por aí*"**

No meu dia-a-dia, levanto-me e a primeira coisa é fazer o café e tomá-lo. Depois entretenho-me por aí a fazer uma coisita qualquer. Tenho seis cães. Tenho que lhes fazer o comer. Cozinhar também sou eu. Não me envergonho de fazer o comer. Depois à tarde distraio-me por aí a dar uma volta aí por a fazenda. Ainda tenho animais: cabras. São as cabras do meu filho. Depois deito-me às dez, onze horas. E ainda vejo um bocadinho de televisão. É o entretém.

## **Avaliação "*Aprender as tradições*"**

Acho bem vocês estarem a falar com as pessoas mais velhas e aprender as tradições de antigamente. Acho que é importante os mais novos saberem. Ainda haviam de falar com pessoas mais velhas.